



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9726 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

AUTOBIOGRAFIA E A TEORIZAÇÃO CURRICULAR: UM CONTINGENTE CRIATIVO E NECESSÁRIO EM EDUCAÇÃO

Maria do Socorro dos Santos - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

AUTOBIOGRAFIA E A TEORIZAÇÃO CURRICULAR:

UM CONTINGENTE CRIATIVO E NECESSÁRIO EM EDUCAÇÃO [\[1\]](#)

RESUMO: Neste escrito proponho uma discussão sobre a autobiografia como um fenômeno intelectual criativo, contingente e necessário em educação. Para isso, tomo como ponto de partida o método *Currere*, que em sua tradução de corrida ou o correr do curso, coloca a experiência do vivido e daquilo que não é planejado como foco de método em educação (PINAR, 2016). Trata-se de uma proposta de texto com a aproximação teórico-metodológica de pesquisadores do campo curricular, que têm remetido pesquisas no âmbito dos estudos pós-estruturais e pós-feministas, a saber: Macedo (2016), Lopes e Macedo (2016), Miller (2014; 2021), Miller e Macedo (2018), Pinar (2016) e outros. Assim, sob esse formato de proposta, argumento que a autobiografia sai do conforto de ideias universais e desloca-se ao indecível (MILLER, 2014; 2021, MACEDO, 2018) – um caminho de compreender pela teorização curricular a possibilidade de questionar experiências vividas na tensionalidade educativa.

Palavras-chave: Autobiografia. Teorização Curricular. Educação. Ideias Universais. Indecível.

UMA GRAFIA INICIAL

As discussões da autobiografia em estudos de perspectiva pós-estrutural, no campo da teorização curricular, não dizem das histórias de vida de professores com um olhar de superação para as suas experiências (MILLER, 2021). Do contrário, integra a desconfiança de qualquer ação autossuficiente do sujeito (JÚNIOR; CARVALHO; SÁ; 2017), que, nas palavras de Miller (2014, p. 2045), assume uma tarefa “criativa” e, revisa, de maneira

constante, “do que e de quem pode constituir conceitos de ‘Currículo’ em qualquer contexto educacional” (MILLER, 2014, p. 2045, grifo da autora). Elaborada no movimento conceituado como *reconceptualização*, a natureza de estudos autobiográficos pós-estrutural, tornou possível a abrangência de currículo em dimensões pessoais e políticas com experiências de vida dos sujeitos (MILLER, 2021) – um fenômeno intelectual, que trouxe para os estudos da teoria curricular, “uma crescente variedade de lentes conceituais, incluindo etnia, gênero, raça, classe, teologia, estética [...], entre outras” (MILLER, 2014, p. 2047).

Desenvolvido por William Pinar nos anos finais de 1960 e início dos anos 1970, nos Estados Unidos, e explorado por William Pinar e Madeleine Grumet (MILLER, 2014), chamou a atenção para as muitas formas de olhar a si mesmo e as experiências da educação em uma interpretação de currículo como *ação de corrida* – o método *currere* –, “que não separa o subjetivo do social” (MILLER, 2014, p. 2047). Híbrido em natureza, o método mescla a prática, a teoria e a pesquisa institucional, indo além, inclusive, de qualquer definição de hibridismo, haja vista que nele, “são instituídas novas formas de significar o que vem a ser currículo” (LOPES; MACEDO, 2016, p. 12). Uma definição que, na discussão metodológica, coloca a ênfase do fazer e de utilizar a autobiografia em estudos do campo do currículo. Uma tarefa de “conversa complicada” (PINAR, 2016, p. 19), que carrega o esforço de entender que apesar das coisas vividas, as experiências não transmitem completudes, mas a incompletude necessária ao eu, ao nós e a uma série de eus e de nós (MILLER, 2021; PINAR, 2016), ajudando-nos a “reconstruir nossas vidas subjetivas e sociais” (PINAR, 2016, p. 20).

Nesta perspectiva, para seu desenvolvimento, a articulação não-linear das histórias vividas é central. Ainda mais porque elas trazem o “resultado de nosso desejo de compartilhar, de estabelecer relações e compromissos, de suprir a falta que nos constitui” (LOPES, MACEDO, 2016, p. 15). Uma possibilidade para outras significações e sentidos que desvencilha-se da ideia mesma de histórias de si mesmo. O seu fazer, é então, conversa e experiência em educação “não só no discurso de sala de aula, mas no diálogo entre alunos e professores específicos, e consigo mesmo, sozinhos” (PINAR, 2016, p. 20). É também complexa, não pela não-linearidade em si das histórias, mas porque, “cada um de nós é diferente, o que significa que todos temos famílias, cuidadores e companheiros diferentes, e de forma geral ainda, em termos de raça, classe e sexo” (PINAR, 2016, p. 21); o que torna a experiência da grafia das histórias de vida uma urgência para ser compartilhada com os outros e os outros do eu e nós. Fato esse que nos conecta com o mundo e com as particularidades e subjetividades de nossas vidas. Ou, no que explora Pinar (2016, p. 22), uma “oportunidade educacional para entender a diferença dentro da semelhança e não apenas em nossas espécies, mas a vida na terra, bem como em nossa individualidade, pois a própria subjetividade é uma conversa constante”.

Nessas colocações, penso então que, já está à mostra o que sugiro interpretar nesse estudo: a autobiografia como um fenômeno intelectual criativo, contingente e necessário em educação. Para isso quero discutir a possibilidade de uma autobiografia em educação sobre aquilo que “nunca poderemos saber completamente” (MILLER, 2014, p. 2046). Nisto, cabe entender pela teorização curricular, como a autobiografia, que tomo como ponto de partida o *Currere*, que em sua tradução de corrida ou o correr do curso, coloca a experiência do vivido e daquilo que não é planejado como foco do método em educação (PINAR, 2016). Para feito disto, utilizo como suporte teórico-metodológica, pesquisadores do campo curricular, que têm remetido pesquisas no âmbito dos estudos pós-estruturais e pós-feministas, a saber: Macedo (2016), Lopes e Macedo (2016), Miller (2014; 2021), Miller e Macedo (2018), Pinar (2016) e outros. O texto aqui apresentado, assume a defesa que tudo pode ser de outra forma, pode assumir outras dimensões no currículo, no fazer autobiográfico e na política, possibilitando assim, outros sentidos a educação em suas diferentes apostas – próprio dos estudos pós, que “contribui para bloquear a possibilidade de um fundamento

como a *razão correta e definitiva* para organizarmos o currículo de uma determinada maneira.” (LOPES, 2014, p. 48-49, grifo da autora).

A BIO DA GRAFIA: INTERPRETAÇÕES POSSÍVEIS

Sem oferecer uma intenção linear, o *Currere*, como método autobiográfico, expõe “estruturas temporais da subjetividade” (MACEDO, 2018, p. 163), e convida a todos a experimentar a experiência de lembrar, de esquecer o que é suportável lembrar e, “entender o que podemos recordar e temos que compreender” (PINAR, 2016, p. 25). Em Macedo (2018), esse método marca uma situação em que os sujeitos estão a todo momento em processos autobiográficos, e “sua temporalidade própria, o experimentalismo, em seus limites modernos, mostra-se sensível ao ‘monstro que chega’, mesmo que, talvez, não saiba como acolhê-lo.” (MACEDO, 2018, p. 164, grifo da autora). Trata-se, portanto, de pensar como a autobiografia em educação permite que o outro singular surja sob a instabilidade do tempo, ou melhor do espaço-tempo; e nisto, reconhecer o incomodo continuista-linear de qualquer vencimento temporal, dando vazão para a noção da experiência como construção do self – o si mesmo (MILLER, 2021). Ou por outra óptica, a experiência vivida da subjetividade (MILLER, 2014; PINAR, 2016; MACEDO, 2018), atentando-se para a ideia de que os sujeitos estão sempre em situações de experiências e, por isso, a compreensão do “quão vã é a pretensão de que se pode olhar para a vida de forma mais administrável” (MACEDO, 2018, p. 163).

Na acepção de Miller (2014), herdeira do pensamento de Pinar, a autobiografia, enquanto método, fornece uma riqueza de conhecimentos complexos sobre o “tudo” da teorização e sobre todas as relações que, sempre mutantes, constitui entendimentos variados de currículo e vivências pedagógicas. É o que ela chama de “processos ativos [...] temporais e autorreflexivos dos sujeitos sobre as experiências educacionais” (MILLER, 2014, p. 2047), sendo impossível separar o currículo das aprendizagens, “ou da situação histórica, cultural social e discursiva da educação de modo geral” (MILLER, 2014, p. 2047). O método é, assim, ação e relação com o estar-estando no mundo, de modo que “não envolve só normas, livros didáticos e objetivos dos distritos escolares” (MILLER, 2014, p. 2047), mas uma reflexão de como é estar sob a curva de si e da própria vida. O que força a olhar para os aspectos das experiências educacionais como mutantes, complicadas e de análises contínuas em vez de ser apenas crenças e conhecimentos universais. Isto, a meu ver é o propósito do uso da autobiografia em estudos pós-estruturais: sair do conforto de ideias universais e deslocar-se ao indecível (MILLER, 2014; 2021, MACEDO, 2018).

Se posso arriscar na aposta de algo diferente, diria que a autobiografia sugere a todos sair da zona de fossilização (MILLER, 2014) e caminhar para um movimento onde “tudo intra-age como uma ética da alteridade, em que o respeito ao outro envolve um trabalho espectral, perturbando as expectativas por narrativas fundadas em desejos de continuidade, limites e semelhança” (MILLER; MACEDO, 2018, p. 957). Um caminho que sob os aspectos das teorias pós-estruturais e de diálogos de pesquisadores como, Miller (2021; 2014), Pinar (2016), Miller e Macedo (2018), explora medos, fantasias, vergonhas, melancolismos e sentimentos que, por mais que se tente mostrar o seu contrário, não pode opor-se da existência. Sucumbe assim, uma postura de que não se distancia dos incognoscíveis da experiência educacional, posto que ela rompe com qualquer preposição normalizada de prática de educação positivista (MILLER, 2014; PINAR, 2016). Um caminho que acredito ser possível interrogando, junto a teorização curricular, as suposições educacionais tidas como automáticas ou fixas e talvez, “até quebrar as escrituras e mandatos de versões positivistas

(re)correntes e técnico-rationais de currículo que sustentam medidas padronizadas de prestação de contas e conquistas” (MILLER, 2014, p. 2051).

FIM-INICIAIS CONCLUSÕES

É certo que a teorização curricular não traga todas as respostas de compreensão para esse movimento, mas convida para contínuas análises de narrativas que aparecem como únicas e cheias de histórias de superação e completamente compreensíveis. Desse modo, o esforço de entender o método autobiográfico, em perspectiva pós-estrutural, exige o risco de colocá-la como sendo performática, e por isso, sempre contingente e criativa. Nas palavras de Júnior, Carvalho e Sá (2017, p. 209), “uma invenção ficcional e radicalmente contingente do eu que não pode requerer a manifestação de uma presença de si sem deixar transparecer uma procuração constitutiva.” A sua tarefa, se posso assim colocar, é criar formas novas de relação entre o espaço-tempo com a desconfiança para qualquer linearidade do tempo. Uma criação que traz a afirmativa que a educação só é possível como experiência na relação com os muitos outros e diferentes outros de nós, pois “é na relação com o outro, totalmente outro, aquele irrepresentável no presente como futuro, que ela se faz” (MACEDO, 2018, p. 166). Assim, a autobiografia como experiência vivida na tensionalidade da educação e como ação criativa e intelectual está sempre em movimento e operando em e na relação do outro, acenando para efeitos que não podem ser ‘lidos’ sob a pressa de um discurso de histórias lineares narradas.

REFERÊNCIAS

JÚNIOR, Clívio Pimentel; CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Pesquisa (Auto)Biográfica em chave pós-estrutural: conversas com Judith Butler. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.12, n.1, p. 203-222, jan./abr. 2017

LOPES, Alice Cassimiro; MACEDO, Elizabeth. Apresentação. In: PINAR, William. **Estudos Curriculares: ensaios selecionados. Seleção, organização e revisão técnica: Alice Casimiro Lopes & Elizabeth, Macedo.** São Paulo: Cortez, p. 7-18, 2016.

LOPES, A. C. Ainda é possível um currículo político? In: LOPES, A. C.; ALBA, A. (org.). **Diálogos curriculares entre Brasil e México.** Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 43-64, 2014.

MACEDO, Elizabeth. A teoria do currículo e o futuro mostro. In.: LOPES, Alice Casimiro; SISCAR, Marcos (Org.). **Pensando a Política com Derrida: responsabilidade, tradução e porvir.** São Paulo: Cortez, p.153-178, 2018.

MILLER, Janet L.; MACEDO, Elizabeth. Políticas públicas de currículo: autobiografia e

sujeito relacional. **Práxis Educativa**, v. 13, n. 3, p. 948- 965, 2018.

MILLER, Janet L. Autobiografia e a necessária incompletude das histórias de professores. **Roteiro**, Joaçaba, v. 46, p. 23-40, 2021.

MILLER, Janet L. Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura da testagem. **ECurriculum**, v.12, n. 3, p. 2043-2063, 2014.

PINAR, William. **Estudos Curriculares: ensaios selecionados**. Seleção, organização e revisão técnica: Alice Casimiro Lopes & Elizabeth, Macedo. São Paulo: Cortez, 2016.

[1] Esta pesquisa tem o apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ